

## **AS FORMAS DE EXPRESSÃO DO SEGUNDO ARGUMENTO EM ORAÇÕES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO FALADO: UMA PERSPECTIVA FUNCIONALISTA**

*Marcela Sanches Blanco (UNESP)*

Este trabalho propõe-se a estudar as formas de expressão do segundo argumento (A2), tradicionalmente entendido como objeto direto, no português brasileiro falado, sob a perspectiva da Teoria da Gramática Funcional. O objetivo é verificar as razões que determinam as diferentes formas de expressão assumidas por esse constituinte - lexical, pronominal ou zero -, buscando as correlações entre propriedades discursivas, semânticas e sintáticas. O universo de pesquisa consiste do corpus mínimo do Projeto de Gramática do Português Falado (PGPF). Foram tabuladas ocorrências constituídas de predicados de dois e três lugares em que A2 exerce a função semântica de Meta, entidade afetada ou efetuada pela operação de algum controlador (Agente/Posicionador) ou Força. Tais ocorrências foram analisadas de acordo com seis grupos de fatores: forma de expressão; função pragmática; modo de referência e posição desse constituinte na estrutura linear da oração; tipo semântico do estado de coisas veiculado e forma de expressão do sujeito. A análise revela que a forma de expressão predominante é a lexical, ocasionada pelo fato de A2 encontrar-se na dimensão de focalidade, já que veicula um alto grau de dinamismo comunicativo e posiciona-se preferencialmente depois do predicado, obedecendo, assim, às restrições da EAP (estrutura de argumento preferida). Além disso, os resultados indicam que não é a função pragmática o fator determinante da forma de expressão assumida por esse constituinte, e que a forma está mais diretamente relacionada ao modo de referência, isto é, a referência construtora condiciona a expressão lexical enquanto a identificadora permite as três formas de expressão de A2.

## **COMO O ADVERBIAL JÁ SE RELACIONA COM O TEMPO E ASPECTO VERBAIS?**

*Aliana Lopes Câmara (UNESP)*

Esta pesquisa está relacionada ao enfoque funcionalista, que estuda a língua no contexto interacional. O objetivo principal é pesquisar o item já, procurando determinar suas diversas características e as funções que pode desempenhar na oração/no discurso, uma vez que esse constituinte, assim como ainda e agora, é multifuncional e, portanto, desempenha outras funções além da tradicional de advérbio temporal. Para isso, buscamos todas as ocorrências do adverbial num corpus de português brasileiro falado, a saber, o do corpus mínimo do NURC, que compreende desde inquéritos mais informais, como o D2 (diálogo entre dois informantes), como inquéritos mais formais, como o EF (elocução formal), passando pelo DID (diálogo entre informante e documentador). Foram encontrados quatro tipos de já: advérbio de tempo, marcador de contra-expectativa, marcador de contra-argumentação e marcador de ênfase. Nessa apresentação, pretendemos nos deter ao uso de já como marcador de contra-expectativa, mostrando como, nesse uso, o adverbial relaciona-se com o tempo verbal e como é constitutivo do aspecto verbal.

## **ORDENAÇÃO DO ADVÉRBIO SEMPRE NO PORTUGUÊS ARCAICO E NO CONTEMPORÂNEO**

*Filipe Viana Luiz Albani (UFRJ)*

Através deste trabalho, pretende-se estudar o advérbio “sempre” em textos religiosos contemporâneos e arcaicos em língua portuguesa com o objetivo de descrever seus usos e contribuir para detectar as motivações para suas diferentes posições na cláusula. Além disso, pretende-se

verificar se houve mudança no padrão de ordenação desse advérbio na história do português, com base nos pressupostos teóricos provenientes da linha Funcionalista Americana. Os textos do português contemporâneo utilizados para coleta de dados foram os livros “Um coração que seja puro”, do padre José Fernandes de Oliveira, o Padre Zezinho, “Tocar o Senhor”, do Padre Léo, e “Considerai como crescem os Lírios! A providência divina”, do Padre Jonas Abib; já do português arcaico, o texto trabalhado foi “Orto do Esposo”, organizado por Bertil Maler.

## **PEGUEI O LIVRO/PEGUEI E DISSE: A QUESTÃO DA TRANSITIVIDADE EM DIFERENTES CONSTRUÇÕES COM O VERBO PEGAR**

*Maria Alice Tavares (UFRN)*

Abordo a gramaticalização do verbo “pegar” como parte da perífrase de valor aspectual inceptivo PEGAR E + V, responsável por indicar que o evento a que o verbo principal se refere teve um início repentino. Tal perífrase verbal pode fornecer à oração, adicionado aos traços aspectuais, um sobretudo subjetivo, na forma de indicações atitudinais e/ou avaliativas, dentre as quais se destacam a surpresa ou a frustração frente ao evento inesperado, súbito. Sob uma ótica funcionalista, com base em dados extraídos do Corpus Discurso & Gramática, analiso propriedades semântico-pragmáticas e morfossintáticas de construções oracionais das quais “pegar” é parte integrante. Em especial, verifico qual o grau de transitividade manifestado por cada tipo. Tal análise fornece evidências acerca das etapas da trajetória de mudança ‘verbo pleno verbo auxiliar’ percorrida por “pegar”, que parte de ocorrências como (i) “Eu pego o macarrão e pico”, e chega a ocorrências como (ii) “Ela pegou e subiu na caixa” e (iii) “Aí ele pegou e acreditou no amigo.” Em (i), temos dois eventos representados por duas orações coordenadas, ambas com alto grau de transitividade: há, em cada uma, um sujeito agente, um verbo de ação e um objeto paciente, que sofre as ações de ser pego e ser picado, o que configura uma situação de transitividade prototípica. Em (ii) e (iii), temos uma oração que predica um único evento. Ou seja, “pegar” não denota um evento diferente do de “subir” e do de “acreditar”, e sim, perdendo sua autonomia e somando-se à conjunção “e” (via reanálise estrutural que dá origem à perífrase), funciona como indicador aspectual, um adjunto gramatical do verbo principal. Como tal, não está sujeito em si à aplicação do parâmetro de transitividade, e torna-se apto a constituir perífrase em orações com graus variados de transitividade.

## **REANÁLISE E GRAMATICALIZAÇÃO DE CONECTORES TEMPORAIS**

*Marli Hermenegilda Pereira*

Este trabalho focaliza o processo de gramaticalização das construções (prep) + det + N temporal + (prep) + que, em que o N temporal corresponde aos itens lexicais tempo, dia, hora e época. A hipótese de gramaticalização dessas construções é examinada numa perspectiva pancrônica em que são conjugados um estudo em tempo real de longa duração, através da análise de textos representativos do século XIII ao século XXI e um estudo em tempo real de curta duração, através da análise de duas amostras de fala da variedade carioca, separadas por um intervalo de tempo de aproximadamente 20 anos. Admitimos que o estatuto gramatical dessa construção é ambíguo, podendo ela ser interpretada como um nome com o traço [+ tempo] modificado por uma oração adjetiva introduzida pelo pronome relativo que, ou como uma construção não segmentável, uma locução conjuntiva introdutora de uma oração hipotática temporal. Hipotetizamos que a trajetória de gramaticalização das construções com N temporais é uma consequência da atuação de um processo de reanálise que altera as fronteiras entre os constituintes. Esse processo de gramaticalização envolve uma complexa conjugação de propriedades distintas: no nível da

construção e no nível do enunciado. No nível da construção, diferentes índices sinalizam uma perda de composicionalidade que vai culminar na fixação de um padrão sintático similar ao das locuções conjuntivas. No nível do enunciado, as orações com N temporais vão incorporando, gradativamente, as propriedades formais, semânticas e discursivas das orações hipotáticas de quando. Ainda que todas as construções participem do mesmo processo de gramaticalização, elas se situam em pontos diferentes dessa trajetória. (Palavras-chave: Funcionalismo; Mudança lingüística; Reanálise; Gramaticalização; Conector temporal).

## **UM ESTUDO SOBRE AS CONJUNÇÕES “E” E “MAS” NAS RELAÇÕES DE HIPOTAXE**

*Sebastião Expedito Ignácio (UNESP)*

Com base na língua escrita do português do Brasil, registrada nos últimos cinquenta anos, nas várias modalidades de textos literários, técnicos e jornalísticos, procura-se estudar as funções das conjunções “E” e “MAS”, quando estabelecem relações de hipotaxe, deixando assim de serem meramente conjunções coordenativas (aditiva e adversativa, respectivamente). Serão consideradas especialmente as estruturas em que essas conjunções se associam a um elemento de natureza adverbial como “AÍ”, “ENTÃO”, “SIM”, etc. Procura-se demonstrar que, nas estruturas negativas, a estrutura “E NÃO” é altamente produtiva na realização da relação de hipotaxe entre a oração negativa, que funciona como principal e a oração anterior, que funciona como oração subordinada, formando, assim, o que tradicionalmente se denomina período composto por subordinação. Assim, o conjunto [E/MAS + Adv], numa espécie de regramaticalização, passa a ter funções não previstas pela análise sintática tradicional. O estudo se insere no âmbito da sintaxe e da semântica, fundamentando-se nas propostas da gramática funcional e da lingüística textual, visto que analisa as ocorrências de uso das estruturas lingüísticas, considerando-se sobretudo a dimensão pragmática. Trata-se, também, do estudo de elementos de grande poder de coesão textual, tendo em vista o seu papel de “compactação” ou de “economia lingüística”. São elementos que estabelecem paralelismos, correlações, progressividades, etc. Serão estudados ainda os casos em que esses itens lexicais deixam de ter função essencialmente gramatical para funcionarem como operadores discursivos, num processo de discursivização.

## **“MAS”: DA ALTERIDADE PARA A CONTINUIDADE**

*Julimeire Bergamaschi Paziani Araújo (UNESP)*

Neste trabalho, apresentaremos parte de nossa investigação de mestrado, realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa da Fclar/UNESP, campus de Araraquara, acerca da articulação de enunciados relacionados pela tradicionalmente denominada conjunção adversativa “mas”. Tivemos como principal objetivo levantar questões acerca do processo de construção e estabilização dos enunciados adversativos, levando em consideração as operações realizadas por um sujeito co-enunciador em uma dada situação de interação. Para que fosse possível observar os mecanismos subjacentes aos enunciados lingüísticos, numa articulação entre os processos invariantes de linguagem e o modo como as línguas naturais trabalham essa invariância, nossa pesquisa fundamentou-se na Teoria das Operações Enunciativas de Antoine Culioli (1990, 1999a, 1999b). Mais especificamente, nossa pesquisa buscou conhecer e analisar a natureza do emprego da marca *mas* em enunciados extraídos de textos dissertativos (produzidos por candidatos ao vestibular), observando sua organização enunciativa. Por meio das marcas deixadas pelos interlocutores no momento da enunciação, pudemos recuperar as operações que sustentam os enunciados (tomados como “rastros de operações subjacentes”) e chegar, assim, a um entendimento dos processos envolvidos na utilização da

marca. Observamos uma certa invariância nas operações de geração de enunciados com mas: ao mesmo tempo em que se observa uma relação de alteridade (distinção, diferenciação) entre dois ou mais domínios relacionados pela marca, esta constrói uma passagem, uma continuidade entre um e outro.